

Orai, pois; porque, se a oração não redime, o arrependimento redime, e a oração pôde despertar o arrependimento.

Gratry."

OUTUBRO DE 1877

"Irmãos! Na humanidade terrena não há tanta iniquidade como supondes; o que sucede é o seguinte: todos os seus males se exteriorisam, e a publicidade e o escândalo os avultam.

O homem de hoje é melhor que o do século passado, muito melhor que o do século décimo da presente era, muitíssimo melhor que o dos tempos de Moisés.

Nos séculos que já vão longe, era a iniquidade a enfermidade dominante do mundo; hoje, a enfermidade dominante é o êrro, e o êrro enfraquece os homens. Julgais que seja isso um pequeno progresso? Isso nada menos é que a fonte e a raiz de todos os progressos que o homem é chamado a conquistar na Terra. A perversidade que não nasce do coração, mas sim do êrro do entendimento, não é essencialmente perversidade, mas um mal transitório, porque a causa tem de desaparecer. Apenas a luz da verdade dissipe as sombras do êrro, o homem será bom, porque se esgotou no seu coração a fonte da iniquidade e da injustiça. Não desanimeis, pois; cobrai ânimo e esperai, porque o progresso caminha, caminha e mui rapidamente.

Luculus."

OUTUBRO DE 1877

"Irmãos. A igreja vai crescendo com a luz que enviou aos homens o providêncial Amor. Nessa luz estudai a vós mesmos e ás vossas obras.

Agostinho."

"Essa luz é a mesma do Cristo, que é o Verbo e há de iluminar a todos os Espíritos que vêm á Terra para cumprir um julgamento.

Em verdade vos digo que a Terra não passará sem que primeiro esteja consumada a redenção de todos os homens da Terra.

João."

XII

Julgamos suficientes as comunicações que deixamos copiadas nesta segunda parte, para que o leitor possa, com perfeito conhecimento de causa, falar sobre a utilidade ou inconveniência dos trabalhos que fizeram objeto do nosso estudo, e da bondade ou maldade das doutrinas que o Espiritismo propaga.

Que os detratores do cristianismo espírita leiam estas misteriosas páginas inspiradas pelos Espíritos livres, bem como aqueles que o atribuem ao gênio das trevas, e os que, blasonando-se de mui sensatos, lhe chamam loucura ou aberraçao do entendimento humano.

Leiam-nas todos sem prevenção e meditem-nas com juizo imparcial, pois, se assim souberem fazê-lo, estamos certos que virão a nós para alentá-nos e dizer-nos:

Contai conosco desde hoje, irmãos; as inspirações espirituais que recebestes não são, não podem ser fruto de inteligências infernais, nem parto de imaginações febris, nem mistificação produzida por homens de má fé e de coração corrupto; elas são a expressão da virtude, da verdade e do sentimento, e nem a virtude pôde ser inspiração diabólica, nem a verdade pôde ser produto da loucura, nem a ternura, nem o sentimento do bem podem ser produzidos por corações desgradados. São as vozes dos pastores chamando as ovelhas extraviadas; é o grito do dever que vem despertar as conciências adormecidas no indiferentismo e no êrro; é o carinhoso

apêlo do pai que abre os seus braços para neles estreitar os filhos do seu amor, que abandonaram, inexperientes, pelos gozos ilusórios do mundo, a tranquilidade e a grande felicidade que os esperava na morada paterna. O Espiritismo é a verdade religiosa, é o renascimento do Evangelho, é a ressurreição do verdadeiro Cristianismo, é, em suma, o amor á creatura e a adoração a Deus, princípio e fim da missão do homem na Terra.

Tal é o conceito que formamos do Espiritismo, depois de submetê-lo ao crisol da observação e ao escaravelho da crítica. Em constante vigilância com o desejo de surpreender qualquer germen perturbador das consciências que pudesse ocultar-se no fundo dessas doutrinas, não demos um passo para a frente sem ter examinado com escrupulosa atenção o terreno em que iamos fixar a misteriosa planta. Tínhamos ouvido repetir que o espírito tentador, para melhor seduzir e enganar aos que escolhe para alvo das suas tenebrosas investidas, costuma vestir a branca túnica de inocência ou as severas roupagens da virtude; e mesmo, apesar de nos parecer que, em tão estreitos e transparentes hábitos, não lhe seria possível ocultar a sua monstruosa fealdade, vivíamos de sobreaviso, dispostos a retroceder e a fugir á menor suspeita de maquinção diabólica. Felizmente, nossos temores não chegaram a justificar-se; e se no começo nos haviam cativado as doutrinas espíritas por sua moral pura, persuasiva e elevadíssima, achámos depois, nas comunicações, a sanção das teorias e infúmeros motivos para agradecer e louvar a Deus pelos inapreciáveis tesouros que, por meio das comunicações espirituais, depositava nas nossas mãos.

A convição e a fé penetravam gradualmente em nós, á medida que a luz, descendo do Alto, espandava a obscuridade do nosso entendimento e fecundava os germens de bons sentimentos e de virtudes que dormitavam, con-

denados talvez a perpétuo sono, no recôndito da nossa alma. Iamos e vinhamos do Espiritismo ao Evangelho, e do Evangelho ao Espiritismo; porque, em nosso entender, o Evangelho é a divina pedra de toque da religião e da moral, e, quer estudando o Espiritismo como filosofia moral, quer como doutrina religiosa, achamos perfeita conformidade entre os seus ensinos e os do Evangelho. E se, querendo ir mais longe, liamos o Antigo Testamento, o Gênesis, o livro de Tobias, o de Jó, os Salmos, os Provérbios, o Eclesiastes, a Sabedoria, o Eclesiástico e todos os Profetas, viamos brilhar a verdade do Cristianismo espírita. Disso se persuadirão os nossos leitores na terceira parte dêste livro.

Depois do que acabamos de manifestar, quem poderá razoavelmente estigmatizar-nos por termos aceitado as crenças do Espiritismo? Se estamos em êrro, que nos provem, porém sem nos odiar, nem amaldiçoar; porque a maldição e o ódio, se provam alguma coisa, é a ruindade de sentimentos e a ausência absoluta de razões. Não hasteámos bandeira, nem viemos armados em guerra contra alguém ou contra qualquer instituição; vamos pacíficos em busca da verdade, e se com mais abundância de luz que a que apresentamos, nos persuadirem que a verdade não está irmanada com as crenças a que abrimos as portas do nosso coração, abandoná-las-emos sem vacilação para acariciar as que brotem o calor benéfico do novo sol. Se alguém chegar a supôr que escrevemos por ódio á classe sacerdotal, nós lhe perdoaremos e deles nos compadeceremos; os membros dessa classe são, como os outros homens, nossos irmãos, e os amamos a todos. Apodere-se o clero dêste livro; estude as comunicações obtidas em o nosso círculo; discuta sem paixão; lute com armas de boa témpera, e, se a razão estiver do lado das doutrinas de Roma, voltaremos para Roma, cheios de gratidão e amor. Anelamos por ventura outra coisa, a não ser a vitória da verdade?

Em todos os tempos a humanidade teve necessidade de inspirações superiores, e recebeu-as para seguir nas vias do progresso, que é a lei constante das obras da Vontade Onipotente.

Respondendo a esta necessidade, veiu, na infância da linhagem humana, a revelação primitiva, simples, incompleta e envolta em nebulosidades, tal como podia recebê-la e compreendê-la a grosseira e materializada inteligência do homem. Com o desenvolvimento desta e com o percorrer dos séculos, veiu mais abundância de luz, e, assim, harmônica e sucessivamente, a humanidade foi elevando o seu entendimento e a sua razão, e recebendo em todos os períodos históricos a luz de que podia necessitar, para vêr os seus passados extravios e vislumbrar mais serenos horizontes. Esta é a instabilidade humana, porém é a instabilidade caminhando para a perfeição, saindo do caos para gozar das harmonias que, em abundância, derramou no universo a sábia e misericordiosa Providência.

A lei do progresso lê-se em todas as histórias das sociedades humanas e em cada uma das transformações geológicas da Terra, desde que ela começou a girar nos espaços planetários. O mundo físico, como o mundo moral, obedecem a esta lei; o primeiro, gravitando ao redor do sol, e o segundo, circulando em virtude da vontade de Deus; ambos descrevendo as suas órbitas e elevando-se sempre no seio do infinito. Em razão dessa lei, a revelação é para as almas o que a atração é para os corpos; e, como o misterioso centro de atração dos Espíritos reside na Suprema Inteligência, o fato de negar-se o progresso indefinido da creatura racional pela revelação sucessiva, é o mesmo que repelir uma verdade sancionada pela filosofia e confirmada pela razão.

É indubitável que a revelação existiu desde os primeiros dias do homem, e continuou irradiando sempre

com maior intensidade através das gerações até á vinda do Messias.

Começando pelo Gênesis, na passagem alegórica dos primeiros povoadores da Terra, e acabando pelo Evangelho e pelos Atos dos Apóstolos, em todos os livros sagrados vê-se a força providencial da revelação, aumentando com a necessidade dos tempos e cooperando ativamente para o progresso espiritual. A religião estabelecida por Jesus não é a religião primitiva; a moral evangélica não é a moral dos códigos mosaicos; ás novas necessidades e ao aperfeiçoamento do espírito, são precisas novas luzes e alimento espiritual mais depurado.

Assim sendo, o que são as comunicações de que se ocupa o Espiritismo, senão a própria revelação, a própria influência divina, imprimindo na humanidade um movimento acelerado na estrada do progresso? Assim o entendemos, porque assim o julgamos necessário; é nosso dever fazer um apelo aos nossos irmãos e infundir-lhes, se possível, a fé vivificante que restabelece as esperanças e renova as forças do nosso espírito. Poderíamos fechar os nossos lábios, quando a conciêncie nos manda falar em voz alta? Poderíamos ocultar os sentimentos, quando um impulso superior nos move a publicá-los á face de todo o mundo? Poderíamos guardar as nossas esperanças nos segredos do coração, quando a fé e a caridade nos prescrevem fazê-los sentir aos demais? Longe de nós tão egoístico procedimento; arrostamos, se fôr preciso, o anátema, o escárneo e o insulto, porém não queremos nem podemos incorrer na censura da nossa conciêncie.

Se o clero romano, vencendo a sua habitual intolerância em matéria religiosa, pudesse entregar-se, sem animosidade, nem prevenções injustificadas, ao estudo do Espiritismo, não há dúvida que a causa da religião daria em breve tempo um passo agigantado, pela influência que aquela respeitável classe desfruta no ânimo

das sociedades cristãs. A isso o excitamos com a publicação dêste livro. Considere êle que os espíritas já se contam por dezenas de milhões dentro da comunhão católica, e que, a cada hora, a cada instante que se passa, sem se demonstrar a sua falsidade, aumenta-se consideravelmente o número dos cristãos que abandonam o dogma romano, para tomarem assento entre os filhos e defensores do puro Cristianismo. A bandeira desfralda-se á vista do mundo civilizado; á sua gloria sombra nos acolhemos nós, persuadidos de ser ela a mesma que arvorou nas suas prédicas a vítima do farisaísmo judaico. Se nos enganamos, se, em vez de bandeira da virtude, fôr ela um pendão abominável, o dever do clero é confundí-la com o pendão poderoso da verdade e então nós mesmos estaremos ao seu lado para abatê-la, despedaçá-la e desprezar os seus fementidos despojos. Então, e só então, a classe sacerdotal poderá condenar os princípios da escola espírita. Dar-se-á, porém, isso? Não o cremos, porque o dogma de Roma não pôde lutar, no terreno neutro da razão, com a filosofia e com a moral do Evangelho. O que esperamos é que a luz abra caminho através de todas as resistências, e que o clero se apodere, em breve tempo, da bandeira que hoje combate, para fazê-la tremular aos ventos, com o entusiasmo do neófito e com o vigor do soldado da fé.

PARTE TERCEIRA

O ESPIRITISMO NOS LIVROS SAGRADOS

I

Preliminares

Que livros são êsses a que chamam *sagrados* e que servem de manancial e ponto de partida ás crenças e ao culto?

Eis aí uma pergunta de fácil resposta á primeira vista, porém que, não obstante, se presta a sérias considerações filosóficas. Não penetraremos nêsses terreno, porque nô-lo veda a índole do livro que escrevemos; cingir-nos-emos, apenas, a algumas indicações, que são a nosso vêr, as mais precisas para a inteligência dos textos bíblicos que nos propomos comentar nesta terceira parte.

Reconhecido que o progresso das sociedades humanas precisava, para realizar-se, do concurso da Providência, causa única da substância inteligente e, portanto, do movimento intelectual, tinham de vir, e vieram, em todos os tempos e para todos os povos, inspirações superiores que, dando satisfação a uma nova necessidade e despertando um novo desejo, levassem ao coração do homem a sanção da virtude, o consolo e a esperança. A humanidade, como a Terra, é por si mesma fria e improdutiva, e continuaria perpetuamente na sua este-